

Anne
DE
GREEN GABLES

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE

GREEN GABLES

Tradução
João Sette Camara



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Anne of Green Gables

Texto
Lucy Maud Montgomery

Tradução
João Sette Camara

Revisão
Marcelo Schils
Clarisse Cintra
Fernanda R. Braga Simon

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Ilustração da capa
Beatriz Mayumi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Green Gables / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por
João Sette Camara ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP :
Ciranda Cultural, 2019.
336 p. : il. ; 16cm x 23cm.

Tradução de: Anne of Green Gables
Inclui índice.
ISBN: 978-85-380-9266-7

1. Literatura canadense. 2. Romance. I. Camara, João Sette. II.
Mayumi, Beatriz. III. Título.

2019-2366

CDD 813
CDU 82.3(71)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura canadense 813
2. Literatura canadense 82.3(71)

1ª edição revista em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

A senhora Rachel Lynde é surpreendida.....	7
Matthew Cuthbert é surpreendido.....	16
Marilla Cuthbert é surpreendida.....	31
Manhã em Green Gables.....	39
A história de Anne	46
Marilla se decide.....	53
Anne faz suas orações.....	59
Começa a educação de Anne.....	64
A senhora Rachel Lynde fica devidamente horrorizada	73
O pedido de desculpas de Anne.....	81
As impressões de Anne sobre a escola dominical.....	89
Um voto e uma promessa solenes	95
As delícias da expectativa.....	102
A confissão de Anne	108
Uma tempestade no copo d'água da escola.....	118
Diana é convidada para o chá com resultados trágicos.....	134
Um novo interesse na vida	146
Anne ao resgate.....	153
Um concerto, uma catástrofe e uma confissão	164
Uma boa imaginação mal-aventurada.....	177

Um novo desvio em aromatizantes	184
Anne é convidada para o chá.....	195
Anne sofre um infortúnio em um assunto de honra	200
A senhorita Stacy e seus alunos organizam um concerto	208
Matthew insiste em mangas bufantes	213
O Clube de Contos se forma.....	224
Vaidade e vexação de espírito	232
Uma desafortunada donzela do lírio	240
Uma época na vida de Anne	249
A classe da Queen's é organizada.....	259
Onde o riacho e o rio se encontram.....	272
Sai a lista de aprovados	279
O concerto do hotel.....	288
Uma aluna da Queen's.....	299
O inverno na Queen's.....	307
A glória e o sonho	313
O ceifador cujo nome é Morte.....	319
A curva na estrada.....	327



A SENHORA RACHEL LYNDE É SURPREENDIDA

A senhora Rachel Lynde morava bem onde a estrada principal de Avonlea descia em direção a uma pequena depressão, ladeada por amieiros e brincos-de-princesa, e cruzava um riacho cuja nascente ficava nos fundos da mata da antiga residência dos Cuthberts. Dizia-se que era um riacho sinuoso e rápido no começo de seu curso por entre essa mata, com poças e cascatas escuras e secretas. Porém, quando chegava ao Vale Lynde, era um regato tranquilo, comportado, pois nem um riacho poderia passar pela porta da senhora Rachel Lynde sem atentar para a decência e o decoro. Ele provavelmente tinha ciência de que a senhora estava sentada em sua janela, de olho vivo em tudo o que passava, desde riachos até crianças, e de que, se reparasse em qualquer coisa estranha ou fora de lugar, ela jamais descansaria até que tivesse descoberto todos os porquês e motivos por trás daquilo.

Há muitas pessoas em Avonlea e fora de lá que são capazes de cuidar com atenção dos assuntos dos seus vizinhos à custa de negligenciar os próprios assuntos, mas a senhora Rachel Lynde era uma daquelas criaturas capazes, que conseguem lidar com as suas preocupações e com as dos outros no mesmo pacote. Era uma dona de casa notável, seu trabalho estava sempre feito e bem feito, ela “comandava” o Círculo

de Costura, ajudava a administrar a catequese e era o pilar mais forte da Sociedade de Caridade e de Assistência a Missões Internacionais da Igreja. Ainda assim, com tudo isso, a senhora Rachel encontrava tempo suficiente para ficar sentada por horas na janela de sua cozinha, cosendo colchas de “algodão torcido” (ela cosera dezesseis delas, como as donas de casa de Avonlea tinham o hábito de dizer com vozes perplexas) e mantendo um olho vivo na estrada principal que cruzava o vale e subia o morro íngreme e vermelho ao longe. Como Avonlea ocupava uma pequena península triangular que se estendia pelo Golfo de St. Lawrence com água dos dois lados, qualquer um que entrasse ou saísse de Avonlea tinha de passar por aquela estrada do morro e, portanto, pela manopla invisível do olho onisciente da senhora Rachel.

Ela estava sentada ali certa tarde no começo de junho. O sol entrava quente e radiante pela janela; o pomar na descida embaixo da casa estava tomado de um rubor nupcial de inflorescências rosa-esbranquiçadas e rodeado por uma miríade de abelhas que zuniam. Thomas Lynde, um homenzinho tímido que as pessoas de Avonlea chamavam de “marido de Rachel Lynde”, estava plantando sua semente de nabo tardio no campo do morro além do celeiro, e Matthew Cuthbert deveria estar plantando o seu no campo do grande riacho vermelho em Green Gables. A senhora Rachel sabia que ele deveria estar fazendo isso porque o ouvira dizer a Peter Morrison na noite anterior, na venda de William J. Blair, em Carmody, que tencionava plantar suas sementes de nabo na tarde seguinte. Peter havia perguntado isso a ele, é claro, pois Matthew Cuthbert nunca fora conhecido por revelar por livre e espontânea vontade qualquer informação em toda a sua vida.

Ainda assim, eis que aqui estava Matthew Cuthbert, às três e meia da tarde de um dia atarefado, placidamente dirigindo pelo vale e morro acima. Além disso, ele vestia um colarinho branco e suas melhores roupas, o que era prova evidente de que estava saindo de Avonlea e ele ia com a carroça e a égua alazã, o que indicava que viajaria uma distância considerável. Mas aonde estava indo Matthew Cuthbert e por que estava indo para lá?

Fosse qualquer outro homem de Avonlea, a senhora Rachel, habilmente juntando uma coisa e outra, talvez pudesse adivinhar as respostas a essas duas perguntas. Entretanto, Matthew saía de casa tão raramente que deveria ser algo urgente e incomum que o fazia sair. Ele era o homem mais tímido que havia e detestava ter de ficar entre desconhecidos ou ir a qualquer lugar onde talvez tivesse de conversar. Matthew vestir um colarinho branco e conduzir uma carroça era algo que não acontecia com frequência. A senhora Rachel, por mais que sopesasse, não conseguia descobrir nada, e o prazer que sentia naquela tarde foi estragado.

– Depois do chá, vou até Green Gables descobrir com Marilla para onde ele foi e por quê – concluiu finalmente a respeitável mulher. – Ele geralmente não vai à cidade nesta época do ano e *nunca* faz visitas a ninguém. Se tivesse ficado sem sementes de nabo, não teria se arrumado todo e pegado a carroça para ir comprar mais e ele não conduzia a carroça rápido o bastante para estar indo atrás de um médico. Ainda assim, algo deve ter acontecido desde a noite passada para incitá-lo a fazer isso. Estou completamente intrigada, esta é a verdade, e não vou ter um minuto de paz de espírito ou de consciência até que eu saiba o que fez Matthew Cuthbert sair de Avonlea hoje.

Portanto, depois do chá, a senhora Rachel saiu e ela não tinha de ir longe. A casa grande, cheia de corredores e com uma pérgula com plantas frutíferas, na qual os Cuthberts moravam, mal ficava a quatrocentos metros estrada acima a partir do Vale Lynde. Na verdade, a estrada longa tornava a distância maior. O pai de Matthew Cuthbert, tímido e calado como o filho, afastara-se o máximo que podia das outras pessoas sem de fato se embrenhar na mata quando fundou a sua propriedade. Green Gables foi construída na ponta mais distante de sua terra desmatada e lá estava até hoje, quase invisível da estrada principal ao longo da qual todas as outras casas de Avonlea estavam muito amistosamente localizadas. A senhora Rachel Lynde sequer chamava de *residir* o fato de alguém morar em um lugar assim.

– É simplesmente uma permanência, é isso o que é – disse ela à medida que andava pela estrada gramada, de sulcos profundos, ladeada

por roseiras selvagens. – Não é de se espantar que Matthew e Marilla sejam um tanto estranhos, morando sozinhos aqui, afastados de todos. As árvores não são lá grande companhia, mas, se fossem, Deus sabe que haveria árvores o suficiente. Eu prefiro olhar para pessoas. Na verdade, eles parecem satisfeitos o bastante, mas suponho que estejam habituados com isso. O corpo é capaz de se habituar a qualquer coisa, até ao enforcamento, como disse o irlandês.

Com isso, a senhora Rachel saiu da estrada e entrou no quintal de Green Gables. Aquele quintal era muito verde e arrumado e preciso, com grandes e patriarcais salgueiros dispostos de um lado e afetados álamos-pretos de outro. Não se via pedra ou graveto fora de lugar, pois a senhora Rachel teria reparado caso houvesse. Em seu íntimo, ela achava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal com a mesma frequência com que varria a sua casa. Era possível comer uma refeição naquele chão sem se sujar sequer com uma partícula da proverbial sujeira.

A senhora Rachel sem demora bateu de leve na porta da cozinha, e entrou quando convidada a fazê-lo. A cozinha em Green Gables era um cômodo alegre ou teria sido alegre caso não estivesse tão exasperantemente limpa ao ponto de passar a impressão de se tratar de uma sala não usada. Suas janelas davam para o Leste e o Oeste; da janela Oeste, que dava para o quintal, entrava bastante da luz do sol suave de junho, mas a janela Leste, de onde se vislumbravam cerejeiras brancas em flor no pomar da esquerda e esguias e balançantes bétulas na depressão próxima ao riacho, estava coberta de verde por causa de um emaranhado de trepadeiras. Ali ficava sentada Marilla Cuthbert nas poucas vezes em que se sentava, sempre um tanto desconfiada da luz do sol, que para ela parecia uma coisa dançante e irresponsável demais para um mundo que deveria ser levado a sério, e ali estava ela sentada agora, tricotando, e a mesa atrás dela estava posta para o jantar.

A senhora Rachel, antes que ela tivesse fechado completamente a porta, fez uma relação mental de tudo o que havia sobre aquela mesa. Havia três pratos postos nela, então Marilla deveria estar esperando que alguém voltasse para casa com Matthew para tomar o chá, mas os pratos

eram os de uso diário e na mesa havia apenas conservas de maçã silvestre e um tipo só de bolo, portanto a companhia esperada não poderia ser alguém especial. No entanto, e o colarinho branco de Matthew e a égua alazã? A senhora Rachel estava ficando desnorteada com esse mistério incomum envolvendo a quieta e nada misteriosa Green Gables.

– Boa tarde, Rachel – cumprimentou energicamente Marilla. – Está sendo um ótimo fim de tarde, não é? Não quer se sentar? Como está a sua família?

Algo que, por falta de outro nome, poderia se chamar amizade sempre existira entre Marilla Cuthbert e a senhora Rachel, apesar ou talvez em virtude da dessemelhança entre elas.

Marilla era uma mulher alta e magra, de corpo anguloso e sem curvas; seu cabelo escuro tinha algumas mechas grisalhas, estava sempre preso em um coque pequeno e bem apertado preso com dois grampos que o atravessavam agressivamente. Ela parecia uma mulher de experiência provinciana e de consciência rígida, o que de fato era, mas havia algo oculto em seus lábios que, se fosse apenas um tanto mais desenvolvido, poderia ser considerado indicação de um senso de humor.

– Estamos todos muito bem – respondeu a senhora Rachel. – Eu meio que receava que *vocês* não estivessem quando vi Matthew sair hoje. Pensei que talvez ele pudesse estar indo ao médico.

Os lábios de Marilla se retorceram de compreensão. Ela esperara a visita da senhora Rachel; ela soubera que a visão de Matthew partindo de maneira tão inexplicável assim seria demais para a curiosidade da vizinha.

– Oh, não, eu estou bem, apesar de ter tido uma dor de cabeça horrível ontem – retrucou ela. – Matthew foi para Rio Bright. Vamos adotar um garotinho de um orfanato na Nova Escócia e ele está chegando de trem esta noite.

Se Marilla tivesse dito que Matthew havia ido a Rio Bright encontrar um canguru da Austrália, a senhora Rachel não teria ficado mais perplexa. Ela de fato ficou sem palavras por cinco segundos. Era impossível presumir que Marilla estivesse brincando com ela, mas a senhora Rachel foi quase forçada a presumir isso.

– Está falando sério, Marilla? – indagou ela quando as palavras lhe voltaram à boca.

– Sim, é claro – replicou Marilla, como se adotar meninos de orfanatos na Nova Escócia fosse parte das tarefas normais da primavera em qualquer fazenda bem cuidada de Avonlea, e não uma inovação inédita.

A senhora Rachel sentiu-se como se tivesse recebido uma pancada mental grave. Ela pensava com exclamações. Um menino! De todas as pessoas possíveis, Marilla e Matthew Cuthbert adotando um menino! De um orfanato! Bem, o mundo certamente estava de cabeça para baixo! Nada mais a surpreenderia depois disto! Nada!

– O que diabos a fez ter esta ideia? – indagou ela em tom de reprovação.

Aquilo havia sido feito sem que pedissem os conselhos dela e, portanto, era necessário que fosse reprovado.

– Bem, faz algum tempo que pensamos sobre isso... Na verdade, passamos o inverno todo pensando nisso – respondeu Marilla. – A senhora Alexander Spencer veio aqui certo dia antes do Natal e disse que ia adotar uma garotinha de um orfanato em Hopeton na primavera. A prima dela mora lá, e a senhora Spencer veio fazer uma visita aqui e sabe de tudo. Então, Matthew e eu temos discutido este assunto desde então. Pensamos em adotar um menino. Matthew está envelhecendo, ele tem sessenta anos e já não tem a vivacidade de antes. O coração dele lhe causa muitos problemas. E você sabe como tem sido desesperadamente difícil conseguir contratar alguém para ajudar. Nunca há alguém além daqueles garotinhos franceses¹ estúpidos e fracotes, e, assim que você consegue treiná-los para que ajam conforme os seus modos e ensinar-lhes alguma coisa, eles vão embora trabalhar nas fábricas de lagosta enlatada ou vão para os Estados Unidos. A princípio, Matthew sugeriu que adotássemos um órfão do Reino Unido². Mas eu disse “não” logo de saída. “Pode até

1 Franco-canadenses. (N. T.)

2 “Home boy” no original. “Home Children” foi o esquema de migração infantil fundado pela quacre escocesa Annie MacPherson em 1869, no qual mais de 100 mil crianças foram enviadas do Reino Unido para Austrália, Canadá, Nova Zelândia e África do Sul para trabalhar como escravas. (N. T.)

não haver nenhum problema com eles, e eu não estou dizendo que há, mas eu não quero um árabe das ruas de Londres na minha casa”, disse eu. “Pelo menos me arrume um órfão nativo. Não importa quem adotemos, sempre haverá um risco. Mas ficarei com a mente mais tranquila e vou dormir melhor se adotarmos um órfão nascido no Canadá. Então, no fim das contas, decidimos pedir à senhora Spencer que escolhesse um para nós quando ela fosse buscar a garotinha dela. Soubemos na semana passada que ela estava por ir e mandamos um recado pela família de Richard Spencer em Carmody para que nos trouxesse um garoto simpático e esperto de cerca de dez ou onze anos. Decidimos que essa seria a melhor idade: velho o bastante para ser útil no cumprimento de algumas tarefas e jovem o bastante para ser educado de maneira adequada. Nossa intenção é fornecer a ele um bom lar e escolaridade. Recebemos hoje um telegrama da senhora Alexander Spencer. O carteiro o trouxe da estação de trem dizendo que eles estavam vindo hoje no trem das cinco e meia da tarde. Então, Matthew foi para Rio Bright encontrá-lo. A senhora Spencer vai deixá-lo lá. E é claro que ela vai seguir viagem até a estação de White Sands.

A senhora Rachel se orgulhava de sempre falar o que pensava. Tendo ajustado sua atitude mental para essa novidade incrível, começou a falar o que pensava.

– Bem, Marilla, vou simplesmente lhe dizer com sinceridade que acho que você está fazendo uma tolice enorme, uma coisa arriscada, isso sim. Você não sabe o que vai receber. Você está trazendo uma criança desconhecida para dentro de sua casa e lar sem sequer saber qualquer coisa sobre ela, ou sobre o temperamento dela, ou que tipo de pais ela teve, ou como é provável que ele se torne no futuro. Ora, na semana passada mesmo eu li no jornal que um homem e sua esposa no Oeste da Ilha adotaram um garoto de um orfanato e ele botou fogo na casa à noite, botou fogo de propósito, Marilla, e quase os torrou em suas camas. E sei de outro caso em que um garoto adotado que chupava ovos frescos da casa e eles não conseguiam fazê-lo abandonar esse hábito. Caso você tivesse pedido meu conselho sobre este assunto, coisa que você não fez,

Marilla, eu teria lhe dito que pela misericórdia nem pensasse nisso, esta é a verdade.

Essa falsa tentativa de consolo não pareceu ofender ou alarmar Marilla. Ela continuou tricotando com firmeza.

– Não nego que em certa medida você tenha razão, Rachel. Eu também tive certo receio. Mas Matthew cismou com isso. Pude perceber isso e, então, cedi. É tão raro que Matthew cisme com alguma coisa que quando isso acontece, eu sempre sinto que é meu dever ceder. E, quanto ao risco, há riscos em quase tudo que o corpo faz neste mundo. No fim das contas, há riscos em ter os próprios filhos: uma gravidez nem sempre termina bem. E a Nova Escócia fica muito perto da Ilha. Não é como se estivéssemos adotando alguém da Inglaterra ou dos Estados Unidos. É impossível que ele seja muito diferente de nós.

– Bem, espero que dê tudo certo – comentou a senhora Rachel com um tom que claramente indicava suas terríveis dúvidas. – Só não diga que não lhe avisei se ele tocar fogo em Green Gables ou jogar estricnina no poço. Eu soube de um caso em New Brunswick em que uma criança de um orfanato fez isso e toda a família morreu numa agonia horrorosa. Só que nesse caso foi uma menina.

– Bem, não vamos adotar uma menina – disse Marilla, como se envenenar poços fosse uma habilidade puramente feminina, que não deveria ser temida no caso de um menino. – Eu jamais sonharia em pegar uma menina para criar. Espanta-me que a senhora Alexander Spencer tenha feito isso. Mas, na verdade, *ela* não hesitaria em adotar um orfanato inteiro, caso cismasse com isso.

A senhora Rachel gostaria de ter ficado ali até que Matthew voltasse para casa com o órfão importado. Mas, refletindo que demoraria no mínimo duas horas até que ele voltasse, ela decidiu subir a estrada até a casa de Robert Bell e contar a ele a novidade. Aquilo com certeza causaria um frenesi incomparável, e a senhora Rachel adorava causar frenesis. Então, ela se retirou dali, para o alívio de Marilla, pois ela sentia suas dúvidas e medos renascerem sob a influência do pessimismo da senhora Rachel.

– Ora, nunca ouvi disparate maior! – exclamou a senhora Rachel depois que já estava a uma distância segura, na estrada. – De fato parece que estou sonhando. Bem, e sinto muito por esse pobre rapazinho, de verdade. Matthew e Marilla não entendem nada de crianças e vão esperar que ele seja mais inteligente e firme que o seu próprio avô, se é que algum dia ele teve um avô, o que duvido. Parece de algum modo insólito pensar em uma criança em Green Gables, nunca houve uma por aqui, pois Matthew e Marilla já eram crescidos quando a casa nova foi construída, se é que algum dia eles foram crianças, o que é difícil de acreditar quando se olha para eles. Não queria por nada estar na pele desse órfão. Minha nossa, mas sinto pena dele, é verdade.

Isso foi o que disse a senhora Rachel do fundo de seu coração para as roseiras selvagens, mas, se ela pudesse ter visto a criança que esperava pacientemente na estação de Rio Bright naquele exato momento, a pena dela teria sido ainda mais intensa e profunda.